



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

SECRETARIA GERAL PARLAMENTAR
Secretaria de Registro Parlamentar e Revisão

**COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO, JUSTIÇA E LEGISLAÇÃO
PARTICIPATIVA**

PRESIDENTE: SANDRA SANTANA

TIPO DA REUNIÃO: AUDIÊNCIA PÚBLICA
LOCAL: CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
DATA: 18 DE MAIO DE 2023

OBSERVAÇÕES:

- Notas taquigráficas sem revisão

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Boa noite a todos e a todas.

Declaro abertos os trabalhos da 7ª audiência pública de 2023 da Comissão de Constituição, Justiça e Legislação Participativa. Esta audiência pública foi convocada para discutir os impactos do Novo Ensino Médio nas escolas de São Paulo, conforme Requerimento CCJ 6/2023, de autoria do Vereador Professor Toninho Vespoli, aprovado em 19-04-2023 nesta Comissão.

Informo que esta audiência pública está sendo transmitida ao vivo pelo portal da Câmara Municipal de São Paulo, no endereço www.saopaulo.sp.leg.br/transparencia/auditorios-online/ e pelos canais do YouTube e Facebook da Câmara Municipal de São Paulo.

Esta audiência pública vem sendo publicada desde o dia 16 de maio no *Diário Oficial da Cidade*.

A participação na audiência pública foi aberta no site da Câmara Municipal de São Paulo em 15 de maio de 2023, devendo os inscritos pelo *site* participar pela plataforma *on-line*, conforme *link* enviado por *e-mail*. O público presente que desejar se manifestar, deve se inscrever com a Secretaria da Comissão, ao lado desta Mesa. Cada inscrito terá até três minutos para se manifestar.

Foram convidados para esta audiência pública os Srs.: Romildo Rodrigues da Conceição, professor EMEFM; Deputada Estadual Professora Bebel; Valentina Macedo Andrade, Diretora de Escolas Técnicas da UMES – União Municipal dos Estudantes Secundaristas; Márcia Aparecida Jacomini, Rede Escola Pública e Universidade - REPU e Grupo Escola Pública e Democracia – Gepud; e Luiza Martins, Presidente UPES - União Paulista dos Estudantes Secundaristas, que inclusive esteve conosco e contribuiu bastante no debate da última audiência pública sobre a violência nas escolas. (Palmas)

Claro que, em várias Casas Legislativas, várias entidades estão fazendo essa discussão do Novo Ensino Médio. Mas nossa rede municipal tem nove unidades: oito unidades de ensino regular e uma unidade para surdos. Tenho visitado algumas dessas unidades, e o que eu mais tenho visto são os estudantes reclamarem de algumas questões: desde amigos que

estão evadindo, saindo da unidade escolar, até a questão dos itinerários, que é algo muito grave. Das escolas que eu visitei, havia três, quatro itinerários, mas não era nada do que a grande maioria queria. Então, eles são obrigados a fazer itinerários que eles não querem, que às vezes não é nem da carreira deles. Então, esse negócio de dizer que é democrático e que o estudante vai poder escolher seu itinerário, a gente vê que na prática não está acontecendo nada disso.

Então, a ideia é compor a Mesa com pessoas que já têm um acúmulo de conhecimento sobre essa discussão para a gente debater um pouco com a sociedade. Estou vendo que há, na plateia, representantes da Bancada do Quilombo Periférico. Se alguém do mandato quiser compor a Mesa, fique à vontade.

A ideia é que as pessoas falem cerca de dez minutos para que a gente possa escutar as pessoas que irão se inscrever. Depois, haverá um fechamento pela Mesa.

Quero começar com as pessoas que estão sendo afetadas diretamente, que são os estudantes. Começo com a Luiza Martins.

A SRA. LUIZA MARTINS – Estive aqui ontem, Vereador, para a gente falar sobre a questão da paz nas escolas. É muito importante a gente fazer esse debate nesse momento.

Vou me apresentar: eu me chamo Luiza Martins. Sou Presidenta da UPES, que representa os estudantes aqui no Estado de São Paulo. Meu nome é Luiza. Meu sinal é assim: Sorriso.

A gente vem fazendo um debate acerca desse novo Ensino Médio, porque não é reforma que serve para a gente. A gente precisa de uma reforma na nossa escola. Isso é verdade. A gente precisa de uma reforma no nosso conteúdo e isso também é verdade, mas não é essa a reforma que a gente precisa hoje. Essa reforma não atende às necessidades da nossa juventude. A gente precisa de uma atualização do nosso currículo e a gente tem várias ideias do que poderia ser essa atualização do nosso currículo, como o ensino da cultura indígena e afro-brasileira nas nossas escolas, a gente aprender a verdadeira história do nosso país. Poderíamos começar por aí, por exemplo. Essa reforma não pauta isso.

A gente poderia hoje, num dia tão importante para o combate à violência contra as

nossas crianças e adolescentes, a gente poderia estar tendo educação sexual nas escolas, por exemplo, para combater a violência, para ensinar a nossa juventude, ensinar as nossas crianças a ter domínio sobre os próprios corpos e entender até onde pode e até onde não pode; mas isso não está sendo debatido nessa reforma. O que está acontecendo é que está sendo tiradas aulas de História e de Geografia, aulas que são essenciais para o nosso currículo, não só para a nossa formação teórica ali na escola, para o nosso currículo, mas para a nossa formação enquanto seres humanos.

Estão tirando essas aulas, que são essenciais para a formação do nosso indivíduo, enquanto cidadão, e colocando aula de como se fazer brigadeiro, de como se fazer bolo de pote e aula de origami. A galera da UMES fica até falando sempre: “O que nós vamos fazer com essas aulas de origami?”. O Lucas sempre fala que nós vamos chegar ao ENEM e dobrar a nossa prova, porque é para isso que serve essa aula. Não faz sentido. A gente não está tendo uma aprendizagem real, porque a gente precisa de novas dinâmicas e isso se encaixa em novas dinâmicas, mas, para haver novas dinâmicas, a gente precisa de conteúdo e esse conteúdo está sendo tirado do nosso currículo.

Para além disso, a gente precisa de uma reforma estrutural das nossas escolas. A gente está tendo agora a retirada de um recurso essencial para a Educação, só que a gente deveria estar fazendo o caminho contrário disso. A gente precisa de mais investimento para a Educação. Debates aqui ontem. Como que a gente quer combater a violência nas escolas se a nossa escola não tem uma quadra decente para podermos praticar esporte? É assim que se combate a violência: com fomento à cultura e com fomento ao esporte, colocando a nossa juventude para sair desse quadrado da sala de aula que a gente sempre fala, que é um sentado atrás do outro, um olhando para a nuca do outro, que precisa pedir para ir ao banheiro e precisa pedir para beber água. Há um sinal, assim como é no presídio: toca e aí você pode ir lá comer, mas você tem o tempo limitado para voltar para a sala de aula. Não essa a educação que a gente acredita.

A gente quer uma educação libertadora e um dos pontos, um dos problemas iniciais

dessa reforma é que ela foi construída sem diálogo com os estudantes e com os educadores, que é quem constrói a educação no dia a dia. Então, como se coloca e propõe mudanças sem dialogar com quem serve de fato à educação? Porque se não dialogam com os estudantes e nem com os educadores, a gente está servindo a quem? A quem serve essa reforma? E aí a gente consegue identificar isso em quem são os defensores da reforma do Ensino Médio e quem são as pessoas contrapondo a reforma.

Do nosso lado, estão os professores, os agentes, os educadores, como um todo, grandes defensores da educação, estudantes, pais; e do outro lado, quem está? É a fundação Itaú de não sei das quantas, é a fundação bancária de não sei de onde. Para quem serve essa reforma do Ensino Médio? A gente precisa falar sobre as verdadeiras necessidades das escolas hoje e se não convidam os estudantes e os educadores para falar, a gente não está falando da realidade da escola pública. Não é sobre isso que está sendo debatido.

Então, esse nosso contraponto à reforma é para dizer que estão tirando matérias essenciais do nosso currículo e para dizer que estão tirando a nossa autonomia dentro da escola, para trazer novos conteúdos, para trazer novas dinâmicas e para trazer novos olhares, inclusive. A gente fala muito que os professores não são os únicos detentores de todo o conhecimento e que, em uma sala de aula, existe uma troca entre estudante e professor. A gente tem muito a contribuir.

Nós somos de culturas diferentes, de lugares diferentes e de ideias diferentes. Somos seres diferentes um do outro e precisa existir uma troca, e essa reforma do Ensino Médio não nos ensina a pensar diferente. Ela não nos ensina a ter o verdadeiro protagonismo, porque, nas escolas, fala-se muito de protagonismo, protagonismo para lá, protagonismo para cá, mas de que protagonismo é esse que estão falando? É o estudante ajudar a carregar material de um canto para outro? É o estudante ajudar a colar cartaz pela escola? A gente está falando de outro protagonismo, que é onde nós, da UMES, da UPES, das entidades estudantis, o nosso protagonismo é debater a realidade da educação. Protagonismo para a gente é ver um aluno que está sendo impedido de ter acesso à educação e trazer esse debate para a realidade, porque

é uma coisa que a gente vem pautando muito aqui no Estado, essencialmente na cidade, Vereadores.

Existem escolas que vêm relatando para a gente sobre a questão estrutural de acessibilidade para as pessoas com deficiência. Isso aqui é nos negar acesso à educação e, como eu disse ontem, se existem problemas na estrutura e os estudantes com deficiência têm dificuldade de estar na escola, estão nos negando acesso à educação, que é garantido pela Constituição. Não se pode negar acesso à educação a ninguém. Isso é garantido na nossa Constituição. É uma lei. Se vocês olharem o artigo 205 da nossa Constituição, fala-se sobre isso, que todo cidadão brasileiro tem acesso à educação e o Estado tem o dever de nos dar esse acesso.

Então, a gente fala muito, e aí, trazendo para uma questão mais municipal, a gente fala muito sobre o acesso quando a gente fala sobre o passe livre. O passe livre nos garante acesso à educação. Se a gente não tem como chegar até a escola, a gente não tem acesso à educação. Estão nos negando acesso à educação. Se a gente chega a uma escola e as pessoas com deficiência têm dificuldades, por “n” motivos estruturais e de conteúdo e, às vezes, de acompanhamento também, estão nos negando acesso à educação.

Em diversos momentos, eu posso falar aqui uma lista de problemas que estão negando acesso à educação para as nossas crianças e adolescentes. E eu acho que é isso que não pode mais acontecer. Não há como mais a gente chegar à escola e aprender uma história que não é nossa, não há como mais a gente chegar à escola e não haver a estrutura adequada para se conseguir estudar, porque querem colocar aulas de prática, aulas de não sei o quê, mas a gente tem estrutura para isso? A gente tem estrutura para o ensino regular hoje, o básico do que já era antes do novo Ensino Médio?

Agora se colocam novas ferramentas. Como eu disse, novas ferramentas de nada servem se não tiverem o nosso conteúdo que está sendo retirado. Então, o que querem nos oferecer? A não ser a mão de obra da juventude. Estão nos ensinando a desvalorizar a educação para aprender a fazer bolo de pote e ser microempreendedor. É isso que querem oferecer para

a nossa juventude? É essa a perspectiva que querem colocar para a gente? Para além, há os vestibulares.

Enquanto os estudantes de escola pública estão dentro de uma escola sucateada, com diversos problemas estruturais e de conteúdo, com professores desvalorizados todos os dias – porque o que acontece com os nossos professores é absurdo – há a PEI, que aumenta a carga horária, mas não existe nenhuma política ao redor da PEI, por exemplo, aqui falando estadualmente. Qual é a política de permanência que a gente tem? Qual é a mudança que se faz para a carga horária dos professores? Qual é a valorização que estão dando para esses professores e para outros agentes também? Então, não existe nenhuma política que, de fato, sirva à educação, e a gente está aqui para isso, para debater, para trazer essas visões principalmente.

Quando a gente fala que os casos de violência nas escolas vêm aumentando, é porque a gente não está tendo espaço para debater a nossa vida hoje na escola. A gente não está tendo espaços culturais. Não dá tempo. Afinal, a gente precisa ter a nossa aula de origami. E é muito triste falar sobre isso, é muito difícil falar sobre isso, do esvaziamento do nosso currículo, da estrutura das nossas escolas e como está se trabalhando a nossa juventude.

Aí, mais uma vez, estou trazendo esse assunto das PEIs. É um desafio gigantesco para a gente, a PEI, porque uma escola da zona Leste, a Célia Ribeiro Landim, comportava 900 estudantes. Transformou-se em PEI e só comporta 300. O que é feito com os outros 600 estudantes? E aí, eu digo para vocês o que é feito: eles vão para escolas que são mais longe da casa deles e, na maioria dos casos, a galera acaba abandonando a escola, porque não pode ficar o dia inteiro na escola, porque precisa trabalhar para ajudar em casa. A gente vive uma crise social, onde a nossa juventude está sendo submetido ao subemprego.

E aí, quando aperta a fome, parça, o que nos resta é ir trabalhar e não há opção, e não há como a gente colocar isso como a única opção para a nossa juventude, o ensino integral. Por isso que a gente fala que precisa de debate, precisa trazer a gente para o debate. A UPES está lançando a campanha “Nada sobre nós sem nós”, cuja proposta é que os estudantes não

saíam mais dos espaços de debate sobre a educação.

Para essa galera que acha que está debatendo a realidade da escola, a gente não vai mais dar a eles o luxo de debaterem a educação sem os estudantes e seus educadores. Nós vamos ocupar esses espaços, como ocupamos na Alesp, participando de audiências, conversando com os Deputados e tentando, há meses, falar com a Secretaria de Educação e, para o município, também já enviamos ofício, mas não fomos respondidos.

Então, a gente não vai se isentar desse debate e, se não quiserem nos ouvir, vamos falar mais alto, porque é preciso falar sobre a realidade da educação e, se não tiver estudante e educador debatendo, a realidade do que está acontecendo na sala de aula não vai estar sendo falado.

Eu quero agradecer ao Vereador Toninho pelo espaço e à Deputada Bebel, que também vem trazendo debates muito importantes e que sempre nos convida para as atividades e para debater nas suas audiências e em todos os fóruns. A gente está à disposição para construir a escola que a gente sonha, que está muito longe da realidade de hoje.

A gente precisa de mais investimento e de uma reforma que seja dialogada com os estudantes. A gente precisa, mas, para isso, temos que ser convidados para os debates para construir uma educação de qualidade, e essa educação de qualidade só vai acontecer quando ela for construída pelas mãos de quem está aqui na Mesa, de quem está aqui participando. Ela só vai ser construída de verdade quando a gente colocar a comunidade escolar como um todo para debater a educação.

Era isso. Obrigada. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Obrigada, Luiza.

Você trouxe uma questão que é muito importante e tem muita relevância. Acho que o centro do debate é este: a quem serve essa reforma, já que essa reforma veio no bojo da queda e da ruptura institucional que aconteceu no Brasil, no governo da Presidenta Dilma, com os governos posteriores implementando um monte de reformas, como a trabalhista? Porque o que eles querem, com essa reforma, é simplesmente obter uma massa de mão de obra para

fazer serviços de *telemarketing*, de entrega de alimentos pelo iFood, dentre outros. Mas a gente quer muito mais do que isso. Claro que não há problema as pessoas trabalharem com isso, porque é digno, mas a gente não quer só isso, e as pessoas têm o direito de optar e de ter outras possibilidades.

Aproveitando toda esta energia da juventude, vamos escutar agora a Valentina.

A SRA. VALENTINA MACEDO ANDRADE – Boa noite.

Sou a Valentina, diretora de escolas técnicas da UMES e eu acho que esse questionamento que o Vereador Toninho acabou de fazer, sobre a quem serve esse novo ensino médio, quando a gente discute o novo ensino médio e a sua reforma, a gente lembra que essa discussão começou em 2016, juntamente com a reforma trabalhista, que precarizou o trabalho e serviu de complemento para a reforma da previdência.

O novo ensino médio também serve como um complemento para a precarização do trabalho, porque hoje a juventude está sendo formada para o desemprego com esses itinerários medíocres. A gente está vendo a juventude se formar para ser um grande empreendedor e, se isso não der certo, se esses jovens não se tornarem ricos, é por causa deles mesmo, que não conseguiram formular seu grande projeto de vida. Acontece que o Estado, além de não suporta para a juventude, implementa uma reforma sem sequer consultar os estudantes e os professores, que também não recebem uma formação adequada. Na prática, portanto, o que acontece é que o pobre acaba sendo culpado pela pobreza.

A ideia que eles querem passar é que, se nada der certo depois de a gente se formar, é porque a gente não conseguiu aproveitar as aulas sobre projetos de vida. Mas quem formulou esse ensino médio e a quem foi perguntado?

À Fundação Lemann, do empresário Jorge Paulo Lemann, a segunda pessoa mais rica do Brasil. Mas ele sabe de fato o que é a educação pública sem ter nunca ter pisado em uma escola pública? Na verdade, ele não está se importando nem um pouco com a formação da juventude. Perguntaram ao Itaú, o banco que mais lucrou no ano passado e que está pouco se importando com a formação da juventude brasileira. E perguntaram ao iFood, que ajuda a

financiar esse movimento pela base e que é formado por grandes empresas e empresários. Inclusive, o Itaú é uma das empresas que ajudam a financiar isso tudo e lucra com toda esses jovens se arriscando por avenidas em cima de bicicletas e de motos durante 12 horas por dia, sem ter que arcar com nenhum custo e não oferecer qualquer benefício, como férias remuneradas. Se um jovem sofrer um acidente durante o trabalho, o iFood não vai arcar com os custos desse acidente, mas foi justamente essa empresa que foi perguntada sobre o ensino médio e ajudou a formulá-lo.

Então, novamente: a quem serve esse novo ensino médio se não a essas pessoas que lucram com a precarização do trabalho e com o desemprego ou subemprego da juventude?

Como disse a Luiza, nós, do movimento estudantil, estamos pedindo a revogação imediata do novo ensino médio, mas também queremos discutir qual o ensino médio que nós queremos, já que um dos problemas desse novo ensino médio é que os estudantes se formam sem ter condições de prestar o vestibular e entrar na faculdade. Mas o antigo ensino médio, apesar de ser bem menos pior, também não formava o estudante da escola pública para entrar na universidade pública. Por isso, a gente quer que o ensino médio seja formulado pelas mãos dos estudantes e dos professores, as pessoas que de fato estão dentro das escolas e que sabem do que o Brasil precisa, e não por meia dúzia de bilionários que, na verdade, querem formação de mão de obra, gente para servi-los. E é a isso que esse novo ensino médio se presta: formação de um bando de serviçais. Mas a gente não quer isso. No ensino médio, a gente quer aprender a produzir e ajudar no desenvolvimento do país.

Por que não ter iniciação científica e promoção de debates nas escolas? Essa fase também serve para criar cidadãos críticos. A gente também tem que pensar, então, em que tipo de ensino médio a gente quer, porque não adianta ter um currículo dos sonhos sem investimentos. No Estado de São Paulo, por exemplo, em um monte de escolas chove mais dentro do que fora, e o Governador já anunciou que vai cortar 15% da educação, um valor de mais de nove bilhões e reais. Apesar de o orçamento atual já não ser suficiente, ele quer cortar ainda mais com a desculpa de transferir o dinheiro para a área da saúde. Na prática, isso significa

descobrir um santo para cobrir o outro, sendo que a educação e outros setores públicos do Estado e do Brasil precisam de mais investimentos.

O que a gente precisa, portanto, é de uma política de investimentos na educação, porque sem dinheiro não adianta ter um currículo dos sonhos. Há dinheiro para construir diversas escolas, mas é uma escolha o dinheiro não ser destinado para isso. O ensino integral, por exemplo, teria que ser de qualidade, teria que dar suporte ao professor e ao estudante e deveria representar uma política de permanência para que a galera que está na escola não se evadisse de lá. Não adianta, portanto, ter um ensino integral medíocre: tem que ser pensado para que o aluno se desenvolva e para que o professor tenha estrutura para trabalhar.

Esse novo ensino médio não oferece nada disso. Pelo contrário: foi uma bomba jogada no colo dos professores, que não tiveram suporte algum para dar aula. Então, hoje a gente vê um professor, por exemplo, formado em Letras, em Filosofia, em Sociologia dando aula de como enrolar brigadeiro, dando aula de RPG dentro de sala de aula.

Isso é um desrespeito com a formação do professor, é um desrespeito com os professores que estudaram anos da sua vida para lecionar e hoje chegam para dar aula para um terceiro ano do ensino médio duas vezes por semana.

A galera que está no terceiro ano tem só duas aulas de português e matemática. Como essas pessoas vão conseguir passar no vestibular? Vão conseguir prestar um vestibular? Esse novo ensino médio afasta a juventude dos seus sonhos, afasta a juventude de ter qualquer tipo de pensamento crítico, afasta o Brasil de se desenvolver.

A gente passou por quatro anos de sucateamento no Brasil e agora a gente está no momento de reconstruir o Brasil, mas para reconstruir o Brasil, a educação é fundamental. A gente não vai conseguir fazer esse trabalho que é difícil tendo um ensino médio que não forma as pessoas para ajudar a desenvolver o Brasil, que não forma cidadãos críticos, que não forma para coisa nenhuma.

Por exemplo, quando a gente fala em ensino técnico, esse novo ensino médio afeta demais, porque nas ETECs em São Paulo a gente vê e chamamos de “nem-nem” - o novo ensino

médio: Nas escolas técnicas a gente não tem nem o ensino médio decente e nem o ensino técnico decente, porque a gente tem uma meia formação na base comum e a gente também não vai ter uma formação adequada no ensino técnico, sem contar que no ensino técnico o discurso de empreendedorismo é ainda mais latente.

Fiz curso técnico. Eu me formei em escola técnica e hoje vejo os meus amigos que estudaram junto comigo no desemprego. Vejo os meus amigos que estudaram comigo e que têm um diploma de técnico fazendo “bico”, recebendo, sei lá, 500 reais para um trabalho que eles levam diversas horas durante o mês inteiro para fazer.

Então, também é um descaso com o ensino técnico e esse novo ensino médio não complementa nada. Pelo contrário: só esvazia o nosso currículo, só esvazia as nossas escolas, afasta ainda mais a juventude de alcançar os seus sonhos.

Acho que é isso. Acho que para a gente vencer esse novo ensino médio, esse debate que a gente está fazendo é muito importante. Está sendo muito importante as diversas audiências públicas que a gente está participando porque é um debate que deve ser feito com toda a sociedade. Todo mundo deve saber quais são os problemas do novo ensino médio. É um dever de todo mundo combater esse novo ensino médio e lutar pela revogação. Não é uma luta que vai ser fácil, mas é uma luta, sim, possível que a gente precisa fazer com todo o conjunto da sociedade.

Agradeço muito o Toninho pelo convite. Enfim, agradecer e falar que de fato parabenizar por estar promovendo mais um espaço em que a gente possa debater e conversar sobre isso.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Obrigado, Valentina.

Acho que a gente vê o quanto as coisas estão difíceis. Mesmo o Lula tendo vencido Bolsonaro nas últimas eleições, a gente vê a dificuldade que é aquele Congresso. Estou falando isso porque algumas pessoas me perguntam: “Ué, mas não é fácil o Lula ir lá e revogar?”. Ele quis mexer no marco regulatório, saneamento e vocês viram. Aquela ultradireita deu a resposta na mesma semana.

Então, o único jeito de a gente conseguir fazer isso é criar esse tipo de debate em vários lugares: na Alesp, em várias unidades escolares com os movimentos de estudantes, fazendo manifestação. Tem de se criar um grande movimento para que na hora que isso for apresentado, pelo menos setores da direita se dobrem à opinião popular, porque se não fizer alguma coisa desse jeito, se não tiver movimento de massa, muito difícil passar alguma coisa ali.

Então, acho que a gente está indo para o caminho correto fazendo debates e as pessoas cada vez entendendo mais. Temos de envolver toda a sociedade civil para o grande embate que nós vamos ter.

Agora, vamos escutar a Márcia Jacomini, da REPU, professora da UNIFESP.

A SRA. MÁRCIA APARECIDA JACOMINI – Boa noite a todas as pessoas que estão presentes e olá àquelas pessoas que vão assistir esta audiência posteriormente.

Quero agradecer o convite para participar desta audiência. É extremamente importante. Esta é uma discussão que precisamos fazer e todos os espaços são fundamentais para que façamos a discussão sobre a reforma do ensino médio.

Cumprimento o Vereador Professor Toninho Vespoli; Professora Bebel, da Apeoesp; Luiza Martins, da UPES; e a Valentina, da UMES.

É uma satisfação para mim estar aqui. Estou na condição de professora e pesquisadora. Pesquisa o ensino médio. Hoje coordeno uma pesquisa financiada pela Fapesp sobre o ensino médio. Então, estou nessa condição.

Vou tentar, nesses dez minutos, falar, mas devo adiantar que é muito difícil a gente falar em dez minutos todas as questões que envolvem ensino médio. Então, vamos lá.

Por que esta reforma do ensino médio? Podemos dizer que já há um bom tempo que a gente discute a necessidade de ter um ensino médio mais adequado à juventude brasileira, principalmente a juventude que estuda na escola pública. Mas, com toda certeza, não é esta a reforma que nós queremos. Não é este o ensino médio que nós queremos.

E aí os motivos já foram mais ou menos apresentados. Eu vou dialogar um pouco. Por que o Lemann está interessado em reformar o ensino médio? Qual é o interesse do Itaú

Cultural ou das fundações e institutos no ensino médio? Acho que essa é uma pergunta que nós precisamos fazer.

Por que no momento em que há uma ruptura institucional no país – porque já vinha sendo discutida uma reforma do ensino médio – é neste momento que se vota, mas antes de votar no Congresso Nacional a reforma, o ensino médio foi reformado por uma Medida Provisória? Só isso já é um elemento para gente pensar e fazer todo o movimento possível pela revogação dessa medida.

Não se trata de o Presidente Lula revogar, porque é uma lei e precisa do Congresso aprovar uma lei que revogue todos os artigos dessa lei que mudou a LDB. É disso que se trata. Isso acontece porque, sim, o Lemann, o Instituto Itaú Cultural, os banqueiros, os capitalistas deste país estão interessados na reforma do ensino médio não pela preocupação com uma formação da juventude brasileira que possa se colocar nessa sociedade do ponto de vista de cumprir um papel inclusive de mudança social, de cumprir um papel de ter o seu direito garantido de emprego, o seu direito de cidadania.

Eles estão interessados, porque em uma sociedade que não há emprego, eu não posso formar pessoas que querem emprego. Em uma sociedade que não há um lugar para as pessoas estarem e desfrutarem do ensino superior ou de um curso técnico ou de terem as profissões que são necessárias para a sociedade, mas ter isso com dignidade, e quando não há esse espaço na sociedade, é necessário formar os estudantes em uma perspectiva que eles acreditem no seguinte: se eu não conseguir ser um bom empreendedor, é porque eu, pessoalmente, não estudei suficientemente ou não tive a capacidade. Não é um problema social. É um problema meu.

Imaginem uma sociedade que vai colocar centenas e milhares de estudantes que terminam o ensino médio, se é um ensino médio que efetivamente prepara esses estudantes para continuarem nos estudos, para atuarem socialmente, estudantes que tenham aprendido conhecimentos científicos, históricos, filosóficos, linguísticos, esses estudantes vão se organizar. Não serão mais estudantes, mas essa população vai exigir outra política, outra sociedade, outra

forma de estar. É por isso que eles estão tão interessados na reforma do ensino médio.

Este é o motivo pelo qual esses setores fizeram a reforma – porque a reforma foi feita por eles –, e agora eles pressionam para que não tenha a revogação. Vocês se lembram quando o Presidente Lula falou à imprensa que precisaria rever a reforma do ensino médio o *Estadão* publicou um editorial dizendo: “Olha só, Presidente, veja lá o que você fala”. Foi assim que o editorial do *Estadão* tratou o Presidente.

Portanto, só há uma possibilidade de nós barrarmos isso, de revertermos isso, que é uma organização e uma luta permanente. Eu diria que os estudantes são fundamentais nesse processo, e os professores também, mas os estudantes são mais fundamentais, para que possamos aprovar no Congresso Nacional, que é um Congresso muito complicado, muito complicado. Mas aprovar no Congresso uma outra lei, que revogue os artigos dessa lei de 2017, e que coloque no lugar uma proposta de ensino médio que esteja de acordo com as perspectivas, as necessidades da classe trabalhadora, que é ela que estuda na escola pública.

Ou seja, são os alunos da escola pública. Esta reforma não está acontecendo no Colégio Bandeirantes, para usar o exemplo de um colégio da elite de São Paulo. Nenhum aluno do Bandeirantes está deixando de estudar física, química, biologia, história, filosofia, sociologia no segundo e no terceiro anos do ensino médio. Nenhum aluno, nenhum jovem da classe média e alta deste país, da classe dirigente deste país está deixando de estudar isso para aprender a fazer brigadeiro caseiro ou qualquer coisa que o valha.

Portanto, esta reforma dos empresários é uma reforma para os alunos da escola pública. Está sendo tirado o direito à educação dos alunos da escola pública. A mudança que se fez na LDB, porque a LDB tinha uma concepção de educação básica em que era uma formação geral, científica geral para todos os estudantes. Igual. Agora, para vocês terem uma ideia, se o aluno escolher, por exemplo, o itinerário Corpo-Saúde-Linguagem, ele não terá aulas de história, de filosofia, de sociologia e de geografia no primeiro e no segundo anos do ensino médio.

Se ele escolher o itinerário Cultura e Movimento – olhem qual escolha que está sendo dada aos nossos jovens: aí, ele não terá aulas de biologia, de química, de física no segundo e

no terceiro anos do ensino médio. Isso é escolha? Isso não é escolha. Isso é enfiar goela abaixo uma reforma dos empresários para os filhos da classe trabalhadora. Esta reforma não pode ser aceita.

Felizmente, os estudantes estão percebendo isso e eles estão dizendo, na escola, o seguinte: “Professor, por favor, dê aula de física, porque física você sabe”. Essa aula desse itinerário, desses 276 itinerários – há 276 itinerários... Itinerários não, componentes curriculares nos itinerários. Imaginem o que são 276 disciplinas. Onde há professor formado para dar isso? Os conteúdos são dispersos. Os conteúdos não contribuem para a formação. Portanto, isso não é possível. Aquela desculpa ou aquela justificativa de que 13 disciplinas era muita coisa para os alunos aprenderem? Treze é muito? Duzentos e setenta e seis que é bom? Não. É que a justificativa não era essa. A justificativa é: olha, mesmo esse ensino médio precário que nós tínhamos antes, que sabemos que tinha precariedade, agora é precariedade por quê? Porque não tem uma escola equipada, não tem laboratório, não tem como fazer práticas de aulas de química, de física, de biologia. Não têm professores formados. Os alunos ficam dois, três, quatro, cinco meses sem aula de uma determinada disciplina porque não tem professor. Vocês se lembram do que aconteceu em São Paulo, no início do ano passado, no primeiro semestre?

Os alunos não tinham aula, porque não tinha professor. Mesmo aquele ensino médio, que tinha toda essa precariedade, ela ainda trazia a possibilidade de os estudantes terem física, química, biologia, matemática, história, geografia, filosofia nos três anos do ensino médio. Agora isso foi retirado. Portanto, cassou-se o direito à educação da juventude brasileira que estuda em escola pública. Portanto, não há solução para este ensino médio. Ele precisa ser revogado e, no lugar dele... Revogar significa isso que eu expliquei. Não é uma medida que revoga, porque é uma lei.

Portanto, tem de ser aprovado no Congresso Nacional, e nós precisamos pressionar o Congresso Nacional para isso e colocar, no lugar disso, uma proposta que efetivamente garanta a formação integral dos estudantes, no sentido de ter acesso ao conhecimento científico tão importante, principalmente depois da experiência que nós vivemos com um presidente que

desmereceu, de forma absurda, o conhecimento científico, a produção científica do nosso país e da humanidade, assim por dizer.

Portanto, esta é uma tarefa que está colocada para nós. Reforço, mais uma vez, agradeço e reforço a importância desta discussão, porque por mais que pensemos que todos já sabem, não. Ainda há gente que não sabe exatamente qual é o impacto da reforma do ensino médio. De qualquer forma, me alegra muito saber... Nesta semana mesmo, eu estive em uma escola em Itapeverica da Serra em que os professores e a diretora diziam: “Olha, os alunos estão percebendo claramente o engodo e o absurdo que é esta reforma”. Portanto, nós estamos em condições, sim, movimentando a sociedade de dizer para o *Estadão* que não vai pressionar o Governo Lula para ele não fazer a revogação, mas que nós é que vamos pressionar, porque em nossa educação mandamos nós. Portanto, “nada sobre nós sem nós”.

Acho que está perfeito. Muito obrigada. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Como eu falei, a Professora Márcia faz parte da REPU – Rede e Escola Pública e Universidade.

Na época da pandemia, nós começamos a fazer este debate no mandato. Fizemos várias *lives*, e foi a REPU, com suas pesquisas, com seu conhecimento que conseguimos amadurecer bastante em nossa base do mandato sobre esse assunto. Então, para quem não conhece a REPU, pesquise nas redes sociais a respeito, porque vale a pena. Eles também têm outras pesquisas que vale a pena nós nos inteirarmos.

Agora vamos escutar o Professor Romildo Rodrigues, que é professor da EMEFM Oswaldo Aranha Bandeira de Mello, na Cidade Tiradentes.

O SR. ROMILDO RODRIGUES DA CONCEIÇÃO – Boa noite a todos e a todas aqui presentes e aos que estão *on-line*.

Saúdo, inicialmente, a galera do Helen Keller; os colegas; os meus filhos e professores do meu filho, que se formou na primeira turma de ensino médio da EMEBS Helen Keller.

Há uma discussão de onde os alunos com necessidades especiais devem estar. Eu,

particularmente, sempre defendi e defendo a inclusão na escola pública, batalho e brigo demais para que o aluno com necessidades especiais esteja inserido e tenha todas as condições na chamada escola regular. Nós, da Prefeitura, brigamos muito por isso. Mas defendo também a pluralidade de propostas. E vou entrar aqui sobre um pouco disso.

Cumprimento a Márcia – nós nos conhecemos bem da Rede Municipal; a Bebel, velha companheira de muitos anos, desde os anos 90, eu me afastei da Apeoesp, nos anos 2000, mas a companheirada continua lá, inclusive, meu irmão continua lá. É um prazer conhecer o potencial dessas meninas, nos lembram muito, Bebel e Márcia, quando tínhamos essa idade também, é revigorante isso, não é, Toninho?

Primeiro, algumas coisas importantes que vou apenas pontuar, mas que já foram colocadas com muita propriedade, que é o tal discurso do protagonismo. No discurso do protagonismo, após o golpe de 16, protagonistas foram os institutos privados que querem meter a mão na educação. Nada mais, nada menos, é isso.

Há um projeto claro de institutos que se fingem nacionais, mas que na prática representam os interesses de empresas privadas que vem da Espanha, vem de diversos lugares, e estão prontos. Eu digo para muitos colegas nas escolas, hoje, ainda nos colocam para dar as aulas, mesmo que inadequadas, mesmo que sem a nossa formação, mas a 13.415 abre todo o espaço para que essas grandes empresas representadas por esses institutos façam pacotes, muitas vezes, grande parte EAD, para nos substituir na sala de aula.

E se hoje, inadequada ou não, inadequado sim quando nos colocam para dar aula em coisas para as quais não fomos preparados. Mas o próximo passo é o chamado – fugiu-me o nome, quando não tem a formação – notório saber, aqueles que nós, se não recebemos ainda, vamos receber em algum tempo, que é aquele que não é professor, não estuda para ser professor, não tem didática, mas entende que a simples prática vai levar ao conhecimento.

E quero fazer uma quase denúncia: não somos contra o jovem aprendiz, mas o Programa Jovem Aprendiz, hoje, está sendo usado, mascarado, para substituir mão de obra. É muito fácil pegar um garoto nosso, alguém que está aqui, de 16 anos de idade, e levar esse

garoto para trabalhar em uma fábrica, um escritório, mas ele não vai lá para ter supervisão e aprender. Ele vai lá para substituir um adulto que deveria estar trabalhando ali. Então, quero chamar a atenção, inclusive, para a Bebel, para o Toninho, para atentarem para isso, conversar sobre isso, precisa chegar no Parlamento, de alguma forma isso tem de ser coibido. Não defendo que acabe o jovem aprendiz, mas tem de ser coibido esse tipo de coisa.

Não vou colocar o protagonismo das entidades privadas, com os objetivos claros que já foram colocados. Foi muito bem colocado que tudo isso, essa reforma, é mais uma reforma oriunda do golpe de 16, pós-golpe, reforma da Previdência, reforma trabalhista. Então, é um projeto, não é algo isolado, mas quero fazer um outro recorte, porque um debate como esse, tão amplo e plural, eu acho importante que cada um contribua um pouquinho com um aspecto. Eu trabalho há 12 anos em uma EMEF, e trabalho com Ensino Médio regular noturno, não é EJA, é Ensino Médio regular noturno. É um pouco esse olhar que tem ficado secundarizado também nesse debate.

Então, a primeira coisa que quero dizer com clareza, é que eu, pessoalmente, com 15, 16 anos de idade hoje, eu não ia querer ficar nove horas por dia dentro de uma escola. Tenho o entendimento e defendo a educação integral. Entendo que o tempo integral necessariamente não traz qualidade. É possível ter qualidade com tempo integral, é possível ter qualidade com o tempo parcial, seis aulas por dia.

Agora, eu defendo a educação integral onde se ofereça atividades no contraturno. Meu filho, o que estudou no Helen Keller, fez o tempo integral dele. Como ele fez o tempo integral? Fez Etec em um período e o regular em outro período. E na parte final, no último ano, terceiro ano, fez o cursinho, porque se você quiser disputar uma escola, Ensino Superior de qualidade, uma federal, estadual de qualidade, não importa se você estudou em uma escola privada, se você estudou em uma escola pública. Você vai precisar fazer o cursinho para disputar esses espaços. Então, é preciso abrir a oportunidade para que cada um faça, o Estado, o Poder Público tem que oferecer as oportunidades. Mas é possível fazer educação integral, o seu combo de educação integral se houver as oportunidades, se elas aparecerem.

Aqui já foi dito, somos uma rede pequena, eu sou da Cidade Tiradentes. Então, vivemos essa questão do período integral imposto na periferia de uma forma muito pesada. Primeiro, como já disseram as meninas, quando uma escola vai se transformar em período integral, se tem mil alunos, precisa expulsar 300. Eu disse expulsar, não estou falando outra coisa, chega para os alunos e fala: nós temos mil alunos e no ano que vem vamos ter período integral, não cabem mil. Quer? Não quer, tchau, vai procurar outra escola. E o aluno sai procurando escola, procurando escola acolá, que seja de tempo parcial, por exemplo, e não encontra, porque são poucas. E ele é obrigado a estudar longe.

Então, esse combo, o que aumenta a evasão, essas coisas todas, não preciso repetir, esse combo PEI mais reforma do Ensino Médio, o Novo Ensino Médio, é excludente, expulsa. Vai aumentar não, eu não posso afirmar isso, porque cientificamente precisamos esperar uns dois, três anos para poder pegar os censos e comprovar isso, mas na prática, quem acompanha as escolas já está vendo isso, inclusive, aumentando também a baixa frequência. Já está aparecendo isso e daqui a dois, três anos, vai ser um impacto pesado. E aí vêm esses institutos dizer o seguinte: não, o Novo Ensino Médio não está dando certo porque os professores não são preparados; o Novo Ensino Médio não está dando certo, porque as escolas não estão preparadas; até os estados não estão preparados. Nós damos uma ajambrada, um acerto aqui, um acerto acolá, e aí vai dar certo. Ou seja, “não é culpa deles”, que fizeram isso sem nos consultar, sem consultar aluno, sem consultar professor.

Então, é o tal quinto itinerário, eu quero pegar a questão do quinto itinerário. Eu sou professor de história, tenho duas aulas presenciais de história e uma EAD para aluno trabalhador, não preciso dizer nada, o aluno que, às vezes, não consegue chegar às 19h para entrar. Mas ele tem de fazer seis horas semanais EAD. Segunda coisa, no segundo ano, tenho uma aula de história e no terceiro ano, não tenho nenhuma aula de história. A Márcia já listou isso, só estou contribuindo com o meu exemplo.

E no terceiro ano, 67% das aulas são reservadas ou para os dois itinerários, que os alunos são obrigados a escolher, certo? Ou a tal formação, que não é técnico, é mentira. Não é

técnico, porque são cerca de 300 horas. Na minha escola tem, você sai um auxiliar, qualquer coisa de informática, mas não é um técnico em informática. O aluno, se quiser virar um técnico de informática ou de farmácia – que deve ter em outras, mas que a Prefeitura está oferecendo – ele tem que pegar aquelas 300 horas e depois rematricular em outro técnico, que ele soma aquelas horas para completar.

Gente, vai? Ou vai jogar fora essas 300 horas? Mas, retiraram e reduziram a 11 aulas semanais da chamada formação geral, no 3º ano do ensino médio. É isso. Isso é excludente. É lógico que ninguém vai formar filósofo, mas na formação geral um pouco de tudo é importante para que você, aí sim, faça o seu combo; como eu ou você fez.

Tenho um amigo – não vou falar o nome – ele fala assim: “É verdade, nós também defendemos uma reforma do ensino médio”. Mas ele fala assim: “Falavam tão mal do ensino médio, mas falavam tão mal do ensino médio, daquele, o antigo ensino médio, mas eu só fico me perguntando: como é que todos nós estamos aqui?”. Então, eles tiraram o que não estava bom, o que precisava ser reformado e colocaram uma coisa muito pior.

Já falei um pouquinho desse quinto itinerário, falei dessa farsa, que é fazer o tal quinto itinerário, que seria a formação profissional que não existe; pode checar em qualquer uma. E a Bebel pode dizer melhor, a farsa do Paraná que o Feder está trazendo. Se eu estiver errado, Bebel, por favor, me corrija, mas eu vi uma matéria dizendo que, no Paraná, esse Feder contratava uma empresa – imagine, isso aqui é uma sala de aula e há diversas salas de aula como essa em 300 escolas espalhadas no Paraná inteiro. Aí entra um professor, ao vivo – como nós estamos aqui agora – e fica um tutor e a aula é isso, horas e horas, todo mundo sentado assistindo a isso, um cara que está a 300 km de distância. Corrija-me se eu estiver errado. E corrija-me se eu estiver errado ainda se não quer trazer essa experiência para São Paulo. Portanto, é o EAD.

Só para encerrar, de uma vez por todas – promessa. Para encerrar, essa reforma não é só do ensino médio, porque essa reforma de transformar praticamente tudo em EAD, que é uma farsa, veja bem, mais uma vez, da mesma maneira que eu não estou defendendo o fim

do jovem aprendiz, eu também acho que o EAD tem um papel, um papel auxiliar, seja onde for. Ele não pode substituir o presencial, mas mais de 80% dos professores em formação, neste momento, neste país, estão fazendo seus cursos totalmente por EAD. Quando os veteranos se aposentarem, nós corremos o risco de ficar uma geração de professores formados por EAD, dando aula, em EAD, e essa será a qualidade da educação.

Então não é uma reforma, tenho dito isso para os companheiros da educação infantil, do ensino fundamental I e II: fizeram no ensino superior, privado. É tudo EAD, agora, curso de 99 reais por mês. Quer fazer engenharia por 99? Você pode fazer arquitetura por 99 reais por mês; educação física, enfermagem, por 99 reais por mês. Desse jeito, faz por 20. O professor grava uma aula, deixa dez anos aquela aula, bota um tutor lá e acabou. É um projeto já aplicado e com muito sucesso, a rede privada que o diga, está ganhando dinheiro que nem água fazendo mensalidade a 99 por mês. Esse é o projeto para o ensino médio e, futuramente, como o Temer já quis e nós fizemos uma gritaria danada, logo após a 13.415, ele editou aquele Decreto regulamentando o EAD, que poderia ser até o sexto ano. Aí deu uma gritaria geral, aí eles “Não, foi um engano, isso está errado, a gente retirou e republicou novamente”.

Eu quis dar essa coisa mais descontraída, em outro aspecto, e focar nesse aspecto do noturno. E é preciso pensar em uma proposta do ensino médio noturno diferenciada do restante. O aluno trabalhador tem outras especificidades, precisa criar e nós precisamos debater isso. E só podemos debater isso se a gente revogar essa reforma do ensino médio e pensar um outro ensino médio de qualidade.

Desculpa se estourei o horário. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – É.

O Romildo traz bastante essa reflexão da EAD e é uma preocupação que a gente começou a ter fortemente – não é, Bebel? – quando teve a discussão na pandemia e a Prefeitura entregou os *tablets*. Se pegar, por exemplo, a escola EMEF Herzog, na Cidade Tiradentes, você visita a unidade escolar, o pessoal fala: “Toninho, aqui não funciona, aqui é sombra, não funcionam os dados”. E aí você vê que ali não é o único caso. Andando na periferia a gente vê

vários casos assim, não só da escola, é claro, mas também de Unidade Básica de Saúde. Na zona Sul, boa parte das Unidades Básicas de Saúde perto da represa não tem internet. Então essas coisas são muito complexas e a gente percebe o quanto eles querem realmente sucatear a educação pública no Brasil.

Mas vamos escutar a Bebel agora, Presidente da Apeoesp, Deputada Estadual e que tem um acúmulo muito grande nessa discussão, como outras discussões para a gente.

A SRA. PROFESSORA EBEL – Boa noite, Vereador Professor Toninho Vespoli.

Eu sou professora, então é bom pôr “professora” na frente. Satisfação estar fazendo esse debate que é de suma importância – não é qualquer debate. Não é debate de uma etapa da educação básica: ele é a estrutura deste país para o futuro. Nós estamos pensando no país, porque é pensar na juventude. É isso que tem de estar muito claro para nós. Cumprimento rapidamente a Márcia, a Luiza, o Romildo, a Valentina, o público presente e todos que nos assistem pela TV Câmara.

Quero dizer da importância desse debate, chamar a atenção para o seguinte: nós nunca estivemos atrasados nesse debate. Desde 2016, quando começou essa farsa de dizer que haveria uma medida provisória, ou que viria um novo ensino médio, a juventude se levantou, os professores se levantaram no país, mil escolas foram ocupadas. Nós fizemos inúmeras audiências. Naquela época, eu não era Deputada, mas como Presidente da Apeoesp, fazia audiências públicas nacionais para exatamente mobilizar contra qualquer tentativa, e assim foi imposta essa Medida Provisória 745, transformada na Lei 13.415/2017.

O que está por trás disso é a mesma dualidade histórica. A Márcia é pesquisadora, o Toninho sabe, o Romildo sabe e a juventude deve saber que essa etapa da educação básica, esse nível de ensino da educação básica sempre enfrentou: a dualidade entre uma escola para os pobres e outra escola para os ricos. Começa tudo muito bem, vai indo, tal; chega no ensino médio, inventam uma forma de como não permitir que a juventude tenha perspectiva para o futuro, que essa juventude seja a classe dirigente desse país.

É para isso que ele foi pensado, para que os dirigentes deste país fossem da elite,

essa que por ora, em grande medida tem a maioria do capital na sua mão e nós, vocês, nós, à época, porque também viemos de uma dura época que foi a ditadura, fôssemos meros cumpridores de tarefa. Simples assim.

Fazer um comparativo entre esta e a 5.692/71, Márcia, eu costumo dizer que é até mais honesta a 5.692/71. Sabe por que ela era honesta? Porque ela diz que não quer formar mão de obra barata para o mercado de trabalho. Falava isso, claramente.

Era uma opção se o pai quisesse deixar, deixava lá, falava que ia ter contabilidade, não sei o quê, mas não tinha laboratório, a escola não tinha nada. A diferença era na forma de colocar, agora essa reforma atual, que ela está colocada como a grande modernidade, adequação para a sociedade digital, mas excluindo o conhecimento. Essa é a grande injustiça. Isso é o doloroso.

É doloroso, porque você sabe que todos os jovens estão sendo, na verdade, retirados do direito ao acesso a um conhecimento historicamente acumulado. Luiza, quero até dizer para você, minha querida: o protagonismo, enfim, a questão da discussão do papel de como a educação tem de se dar nas salas de aula, sim, ela é dialógica, como dizia Paulo Freire. Mas a gente sabe que o conhecimento é geracional também, ele é de uma geração para outra. Alguém produziu lá para deixar para cá e vocês vão produzir para deixar para outra geração. Isso é ciência.

Nós temos de entender que o momento é lutar para que cada vez mais a gente tenha aprofundamento dos conhecimentos nas escolas. Isso não está acontecendo nesta maldita reforma, ou eu diria, nesta farsa desta reforma do ensino médio.

A gente já antevia porque já se via o quê? Exatamente isso, o esvaziamento dos conteúdos, uma espécie de criminalização do conteúdo, Márcia. O problema não é o conteúdo, o problema é como está sendo organizado o tempo, o espaço escolar e com quais procedimentos nós vamos conseguir ensinar esses conteúdos ou interagir com os estudantes os conteúdos. Esta era a questão para nós. A gente não discutia se eram dez ou 15 disciplinas. A gente discutia porque nós queremos mudanças no ensino médio, nós queremos – eu defendia e enfrentei a

Rose Neubauer em 2000, naquela greve. Eu dizia: “nós queremos uma escola de ensino médio que atenda aos interesses dos filhos e filhas da classe trabalhadora”. Ela dizia: “não existe isso, professora, existe escola pública, ponto e basta”. Eu dizia: “não, senhora. Existe uma escola pública, essa sim, quando abriu para os pobres ficou só para os pobres, e os ricos foram colocar seus filhos na escola privada”. Quando, anteriormente, as escolas públicas que eram ocupadas pelas elites, elas tinham um outro nível de ensino e o pobre que não conseguia, era o contrário, ia para a escola privada.

Quando houve a democratização da educação, neste país, houve uma inversão, então esvaziou. Está bom, ganhamos a democratização. Mas, em termos de conteúdo, também ficou com uma escola “faz de conta” que estamos atendendo.

Nós sempre ficamos naquela luta de resolver uma equação, a qualidade com a quantidade. Sempre foi esse o nosso problema. Não é, Márcia? Sempre ficamos nessa grande luta.

Quais eram os elementos que nós levantávamos? Era exatamente isso. Começou a história da área do conhecimento em São Paulo. Eu dizia que a área do conhecimento não pode significar desaparecimento de conteúdos curriculares, tipo história, geografia, filosofia, sociologia, que a Dona Rose tirou. Nós fizemos essa briga e voltou. Agora, tirou de novo.

Por quê? São conteúdos humanísticos que produzem a reflexão. É possível a reflexão e, portanto, quando esse estudante aprende dessa forma, ele vai, em certa medida, tendo a autonomia intelectual. Esse era um sonho nosso. Este é o nosso sonho. Nós queremos que os estudantes não sejam protagonistas porque vão escolher estudar aquilo de que gostam e de que não gostam.

Aliás, é errado. É antipedagógico, na minha opinião. A vida é feita do que eu gosto e do que eu não gosto. Eu tenho de enfrentar tudo, isso se chama desafio. Eu tenho de estar preparada para tudo. Essa é uma questão de fundo para mim. Essa é a grande farsa que precisa ser disfarçada ou arrancada. Devemos tirar essa máscara dela e dizer: “Não, nós queremos currículo máximo, com metodologias diferentes – aí, sim – com tratamento interdisciplinar e

transdisciplinar”. Nós não queremos desaparecimento de conteúdos, porque os filhos da elite, como disse a Márcia – e eu também sei –, estão tendo conteúdo curricular máximo. Nós queremos que os jovens e todos vocês tenham currículo máximo. Não pode ser currículo mínimo. Esse desafio é o que nós vamos enfrentar nessa consulta, o que já foi um avanço, por pressão nossa.

Eu, pessoalmente, estive com o Presidente Lula, chamada por ele, exatamente para contar sobre que diabo estávamos gritando. Não é, Luiza? Há uma tal de Luizinha, lá, em São Paulo, não é? Fica lá, na Assembleia Legislativa, falando “revoga já”. Que diabo era isso? O que era isso? Explicamos. Ele chamou o Camilo, junto. Aí, ele fez o pedido.

Todavia, eu acho exíguo o tempo, mas nós temos de entrar lá e dizer “revoga já”. Não há como escrever muita coisa. Ponha-se um “revoga já” e já está bom. Depois, vemos o que fazemos. Por quê? A luta, agora, é uma luta por protagonistas de fato, quem defende o público e quem defende o privado. É essa a luta. É essa a disputa. É dos recursos.

Por que é que a Fundação Lemann puxou a orelha do Lula? Puxou, literalmente. Por que, com o Todos pela Educação, a Dona Priscila já saiu dando os pareceres dela? Não sei. A mulher é uma *expert* em tudo. Por que é que não nos ouvem? Essa é que é a questão. Sabe qual é o grande desafio que poderíamos fazer, Márcia? É chamar a Fundação Lemann, o Todos pela Educação, todos esses grupos, aí, que se formam e que dizem que nós, sindicalistas, só queremos quebrar escola pública e eles é que estão para construir escola pública: “Vocês são estudantes baderneiros. Vocês não querem nada com nada”. Não, vocês estão dando aula de cidadania e nós, também, sindicalistas, damos aula de cidadania quando vamos para a rua lutar contra rebaixamento de recursos para a educação.

Há, agora, um babado do Fundeb, em que o Relator coloca no arcabouço o que o Haddad tinha tirado. O tal do Relator colocou isso dentro do teto dos gastos. Vai ter de tirar. Vão ter de se mobilizar, porque isso tem uma relação direta com o que nós estamos discutindo. Então, nós temos luta dupla, agora, gente. É de gigante.

Não há outra luta para fazer, que não seja ganhar mentes e corações para que

consigamos colocar em andamento ou de retirar essa proposta, nem que seja escrever a palavra, o slogan “revoga já” na consulta. Se isso der “revoga já” aos montes, já estamos fazendo a disputa do nosso espaço. E o Governo Lula está em disputa. Ele está em disputa. E nós vamos disputar o nosso grande quinhão que garantiu que ele fosse eleito. Foi a maioria. Nós somos pobres, a maioria do povo que votou no Presidente Lula.

Então, por essa razão, eu chamo atenção para isso. Eu acho que foi tão maldosa essa reforma, que ela já prevê, porque o notório saber, não é porque vem alguém sei lá, uma pessoa superformada. Não é isso. Já é a previsão de falta de professores. Pergunto: quem vai dar o parecer para alguém que vai ser notório saber? No final da década de 80, lutamos muito contra os não-habilitados. Vocês lembram disso. Advogado ia lá, dava aula de português. Era um “bico”. Tornou-se um “bico”, exatamente pela 5692/71. E nós conseguimos quebrar isso e exigir, no mínimo, o curso de Pedagogia.

Você pode ser tudo, mas vai ter umas horinhas de didática para poder dar aula. Você não pode simplesmente – eu não posso arrancar dente de ninguém – mas um dentista pode dar aula. É impressionante. Aí você fala: “ah, a pessoa estudou”. Mas, nós também estudamos e não invadimos. Então, se há falta de professores, não são professores que faltam, então tem de ter uma política de valorização dos profissionais da educação. Isso é fundamental.

Não tem uma linha nessa reforma do Ensino Médio, que não seja o quê? Ampliar o tempo. Ampliando o tempo, pode-se ganhar um pouco mais. É isso. Então, ampliação de jornada para ganhar mais. Não ganha mais coisa nenhuma. O salário continua aquém. No Estado de São Paulo, o Romildo estava falando da expulsão de estudante. É verdade. Quando foi ver a tal da PEI, a Apeoesp foi pioneira. Disse: a título de incluir, vai excluir. Porque fecha o noturno, e o aluno trabalhador? Resolvemos o problema econômico no país? Todo mundo tem condições de estudar no diurno? Não.

Eu sou uma das que fez parte dessa lista que estudou, trabalhou durante o dia e estudou à noite. Então, eu estaria excluída. Eu não ia poder fazer Ensino Médio durante o dia, o patrão não aceitava, que eu trabalhasse duas horinhas. Então, quer dizer: é uma dificuldade,

mas nada é impossível de acontecer, se imaginarmos que já vencemos tantas barreiras.

Estivemos perto de fazer uma grande revolução nesse país com o Plano Nacional da Educação, com os *royalties* do pré-sal, chegamos tão perto e o golpe se deu por conta disso, também o Brasil voltou com a nossa mão. Pela primeira vez, um Presidente da República com a máquina na mão, comprando tudo, o nosso candidato ganha. Eu acho que mostramos que somos capazes de mudar. Nós mudamos uma parte, agora temos de mudar isso que afligem a juventude brasileira que é essa farsa desse Ensino Médio que vai atacar a geração futura.

Muito obrigada e agradeço a oportunidade de estar nessa audiência pública.

(Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Pessoal, vou chamar o primeiro orador, assim, encerrando essa primeira fala, serão encerradas as inscrições.

Então, quem for fazer inscrição tem que ser agora, enquanto essa primeira pessoa fala.

A Bebel traz várias questões, mas uma coisa que ela falou que me marcou bastante, porque eu fui o Relator do Plano Municipal de Educação, e havia um projeto do Kassab, que a gente praticamente jogou no lixo, porque fazia tempo que estava aqui na Casa, já não estava atualizado e a gente teve que começar do zero.

E a gente falava que a educação, pelos ciclos, eles pensam assim: educação pobre para as pessoas pobres, e acho que sempre foi a marca da história do Brasil. Tanto é que no PME, nós colocamos um financiamento logo como primeira meta. Geralmente, o pessoal discute o que tem que fazer e o dinheiro que vai precisar, e a gente falou assim: “não, não, não, vamos fazer e colocar o financiamento logo na primeira meta, porque se não tiver recursos, isso vai virar uma carta de intenção”. Não vai ser efetivado.

Vamos chamar agora as pessoas que vão contribuir, que terão três minutos para a fala. O primeiro inscrito é João Luiz Martins, da Aprofem.

O SR. JOÃO LUIZ MARTINS – Boa noite.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Boa noite.

O SR. JOÃO LUIZ MARTINS – Olha, é muito complicado resumir em três minutos

tudo isso que nós estamos sentindo, mas eu vou usar a minha fala principalmente para concordar com tudo o que foi dito aqui e frisar o que já foi dito: esse projeto do novo ensino médio precisa e deve ser discutido com os professores.

Nós estamos falando de educadores que têm muita experiência, que já trabalham na área, que estão desenvolvendo projetos e que não foram ouvidos. Foi feito um projeto, eu acho um absurdo falar de mais de cem itinerários formativos. Como é que alguém pode pensar que isso vai acontecer, que isso vai funcionar. Que precisa diversificar, que precisamos trabalhar melhor esse conteúdo programático do ensino médio, sim, é verdade, mas temos que descobrir para que, por que nós precisamos melhorar. Se a ideia é melhorar a qualificação profissional, não devemos nos esquecer de que ela também vem com uma boa faculdade.

Então, vamos prepará-lo para que ele também entre em uma boa faculdade. Se ele quiser ficar apenas no nível técnico e não quiser fazer uma faculdade, não há problema, mas que ele tenha condições de tomar essa decisão. Os alunos devem ser os principais protagonistas das decisões e nós – porque eu sou educador também, sou professor – devemos lutar para que sejamos ouvidos e que a nossa opinião passe a valer um pouco na formação desses tais itinerários.

Nós precisamos discutir, entre nós educadores, com gestores, com as pessoas que estão à frente das Secretarias da Educação, tanto estadual como municipais e mesmo a rede federal, para que a gente possa encontrar um caminho, mas não esquecendo, como já foi muito bem-dito pelas nossas queridas colegas da UMES e de outras entidades, que os alunos também devem ser ouvidos.

Não dá para chegar em uma sala de aula e dizer: “Olha, vai ser isso e acabou” e eu não me preocupar com quem está do outro lado. Quem está me ouvindo precisa tomar conhecimento e dar o seu palpite também, porque o futuro é para eles. Eu já acabei, eu já fiz a minha faculdade, eu já estudei. Se agora as faculdades foram por água abaixo, não vai mudar a minha vida, mas vai mudar a deles.

Então, vamos mudar a perspectiva, vamos mudar a maneira de pensar e vamos

escutar as pessoas que estão aí no dia a dia. Não menosprezando o pessoal de faculdade, que faz pesquisa, que não está trabalhando mais com os alunos, mas vamos escutar principalmente quem está no dia a dia para descobrir juntos o que é melhor para o nosso futuro educacional e pedagógico, principalmente no ensino médio, porque o que está acontecendo agora no ensino médio pode começar a respingar no ensino fundamental, no Fundamental II, no Fundamental I, e aí nós não vamos ter mais condições de resolver os nossos problemas educacionais.

Obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Obrigado, João.

Agora, nós vamos ouvir a Norma, que é do Sinesp.

Eu já falei do debate ontem, a discussão que teve sobre a questão da violência nas escolas, e foi promovido pelo Sinesp, a Norma é Presidente, que tem contribuído imensamente, lutando sempre para que haja uma educação pública gratuita e de qualidade.

A SRA. NORMA LÚCIA ANDRADE DOS SANTOS – Boa noite a todas e todos.

Quero cumprimentar a Mesa, na figura do Vereador Toninho Vespoli, da Deputada Estadual Bebel, Sindicato de que eu faço parte também.

Eu fui professora durante 35 anos da rede estadual, trabalhando com ensino médio. Hoje, eu sou Presidente do Sinesp, estou nesse mandato agora. E a gente não pode se furtar dessa discussão, porque é todo um conjunto de situações que nos trouxeram até aqui. Não dá para desconsiderar que, quando começou essas PEI, já era para desorganizar tudo. E a gente fez o enfrentamento, mas a gente não saiu com a vitória cem por cento.

Esse ensino médio veio com um currículo com uma proposta de que, para a camada da sociedade pobre, pode ter qualquer coisa. E nós estamos aqui para denunciar que para pobre não tem que ter qualquer coisa e nós queremos um ensino de qualidade, porque é impossível não ter disciplinas que, como a Prof. Bebel falou, às vezes nós não gostamos, mas quando nós começamos a aprender, nós passamos a gostar de física, química, biologia. Eu tinha muita dificuldade em biologia, mas eu passei a gostar porque eu aprendi.

O que estão tirando de nós é o direito de um aprendizado global. Quando nós

deixamos as disciplinas, que foi toda uma discussão, “não, tem que mudar”; por que tem que mudar? Primeiro que a gente também tem que falar da questão das universidades, mas na perspectiva de que, se a carreira do magistério não é atrativa, nós temos menos pessoas se formando. E, lógico, se tem menos pessoas se formando, nós não temos esse profissional para trabalhar nas unidades. Isso é uma questão séria que tem que se discutir.

E aí, começam a fazer programas para uma educação... para formação de professor que vem no EAD, e que isso reflete diretamente no aprendizado dos nossos jovens. Isso é um conjunto de situações que nos trouxe até aqui. E aí começam a dar bolsas só para educação. Não, nós podemos fazer todos os tipos de faculdade também para sermos professores. E essa faculdade tem que ser uma faculdade de qualidade, porque nós vamos passar o conhecimento de qualidade para que todos possam ter acesso à cultura. Estou falando da cultura num sentido global, a cultura, a ciência, esse conhecimento global que nós precisamos.

Ontem, nós discutimos muito a questão da violência, mas esse projeto traz uma grande violência para nós, porque ele não nos permite o conhecimento. E quando nos tiram essa condição de conhecer, de saber, estão trazendo uma violência muito grande, principalmente para os que mais necessitam, que somos nós que viemos e somos da periferia.

Quando a Prof. Bebel falou “Eu fui uma aluna do noturno” – antigamente, era sétima série –, a partir da sétima série eu tive que estudar à noite, e estudei à noite todo o restante, o ensino médio, a faculdade, porque eu precisava trabalhar.

Quando coloca para o aluno do ensino médio estudar das 14h-21h, está tirando toda condição, porque ele não consegue um estágio, ele não consegue um emprego. Então assim, ele fica de manhã em casa, vai para a escola à tarde, vem em um horário ruim. Se a gente pegar as escolas de tempo integral, muitas delas o ensino médio não é de manhã, o ensino médio é à tarde.

Então nós temos muitos problemas, nós temos muita dificuldade, nós precisamos que esse ensino médio seja revogado. Também precisamos que essa discussão seja feita com todos, com a academia, com o estudante, com os professores, com a sociedade em geral. Não

podemos deixar ninguém de fora, porque independentemente da idade que nós temos, o jovem não é o futuro, o jovem é hoje. Ele precisa de hoje, ele precisa de amanhã e ele também precisa do futuro. Nós, que estamos ficando velhos, precisamos dessa juventude com trabalho e com conhecimento.

Na hora que eu chego no hospital, eu quero um médico que saiba. Na hora que eu levo meu filho para a escola, eu quero um professor que saiba. Na hora que eu vou ao dentista, eu quero um dentista que saiba. Para saber, a gente precisa de educação. Então não dá para conceber esse ensino médio que não ensina, não prepara, não tem nada. A gente precisa voltar à discussão séria de qual ensino médio nós queremos para o Brasil e para esta cidade.

Obrigada. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Obrigado, Norma.

Vou chamar agora os alunos da EMEBS Helen Keller, quem vai fazer a tradução vai ser a professora deles, a Dani. A gente, na verdade, ia fazer esta audiência mais de forma virtual, aí a Dani falou que os alunos da Helen Keller queriam vir. Falarão dois alunos, depois eles vão ter de se retirar porque vieram todos juntos. Quem vai falar agora é a Maria Clara e a Gabriela da EMEBS Helen Keller.

A SRA. MARIA CLARA – Oi, pessoal, boa noite para todos vocês.

Estou um pouco nervosa, então vocês me desculpem. Eu sou a diretora do Grêmio Estudantil, meu nome é Maria Clara, sou da EMEBS Helen Keller, sou Presidente do Grêmio Estudantil da escola.

A SRA. GABRIELA – Oi, pessoal.

Eu também estou um pouco nervosa, meu sinal é esse. Meu nome é Gabriela, eu estou aqui também para representar o Grêmio, porque eu sou da diretoria da comunicação.

A SRA. MARIA CLARA – Nós duas somos surdas, nós estudamos lá na EMEBS Helen Keller e o ensino lá a gente tem percebido que está sendo muito prejudicado por conta desses itinerários.

A SRA. GABRIELA – Está tudo muito confuso.

A gente não tem professor, falta professor. A gente fica igual crianças à toa, muito tempo à toa dentro da escola e a gente fica prejudicado. A gente tem só três aulas de matemática, por semana, por exemplo.

A SRA. MARIA CLARA – Os itinerários não têm ajudado muito a gente. A gente gostaria que essa proposta nos ajudasse a desenvolver e a gente está muito preocupado com a aula e com a qualidade, principalmente com o Enem.

A SRA. GABRIELA – Porque com a aula que a gente tem hoje a gente se sente preocupado. No ano que vem, nós vamos fazer como? Nós vamos ficar prejudicados.

E essa reforma do ensino médio e o ensino médio anterior seria muito melhor, porque a gente percebeu que os antigos estudantes tinham mais conteúdo.

Então, eu percebo que seria melhor do jeito que era o anterior, quando havia mais conteúdos e conseguíamos nos desenvolver melhor.

Não é verdade, Maria Clara?

A SRA. MARIA CLARA – Sim, é verdade, porque agora temos muito menos conteúdo e realmente gostaríamos que voltasse ao jeito que era antes, porque esses itinerários estão muito confusos. Nós nos sentimos muito prejudicados e estamos muito preocupados com o nosso futuro, porque percebemos que a nossa educação não tem sido mais a mesma.

A SRA. GABRIELA – Antes, tínhamos disciplinas e conseguíamos estudar. Conseguíamos nos desenvolver intelectualmente, mas, agora, com poucas aulas por semana, como é que vamos nos desenvolver, para nos prepararmos para o ENEM?

A SRA. MARIA CLARA – Então, por exemplo, eu me lembro da fala da garota, cujo nome eu não me lembro – desculpe-me. Ela fez uma fala sobre algo historicamente usado pela comunidade de pessoas com deficiências, que representa muito o que sempre falamos, que é: “Nada de nós sem nós”.

A SRA. GABRIELA – Aí, ficamos pensando: temos professores formados para dar aula de todos esses itinerários? Não temos professor formado. Então, isso também prejudica os professores, porque eles não têm preparação para ensinar sobre os temas dos itinerários.

A SRA. MARIA CLARA – Aí, às vezes, estamos estudando e há temas do itinerário que não combinam com o que estamos estudando. Ainda mais, os professores precisam adaptar para o ensino bilíngue. Também não temos material. Não temos informação e precisamos nos adaptar com material didático. O professor vai fazer como, com todos esses itinerários? A que horas ele vai fazer tudo isso?

A SRA. GABRIELA – Por exemplo, não temos professor. Ficamos sem conteúdo e só temos aula de educação física na nossa escola, por exemplo. Então, como é que vamos ter conteúdo para conseguir aprender e nos desenvolver? Eu acho que o foco da escola é nos preparar para a vida em sociedade, mas também para o ENEM e para os conteúdos.

A SRA. MARIA CLARA – Então, eu gostaria de agradecer a todos por terem me visto e eu espero que essa reforma do Ensino Médio mude. Eu estou muito preocupada com todos os surdos no Brasil todo.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Obrigado pela contribuição, Sras. Maria Clara e Gabriela.

Para quem não sabe, a EMEBS Helen Keller foi a primeira a ter Ensino Médio. A comunidade tinha uma luta antiga. Quando eu falo em comunidade, é a comunidade escolar, porque quem está nas EMEBSs vira um militante dos direitos da comunidade surda. Geralmente, eu falo que as mulheres resolvem tudo. Lá, há umas mães bastante aguerridas e estavam brigando há muito tempo por esse Ensino Médio.

Eles vieram até nosso mandato e foram várias reuniões com o Secretário – na época, o Sr. Schneider –, até que conseguimos, em caráter experimental, por três anos. Vai passar por uma avaliação agora, mas ainda lutamos para que as outras unidades das EMEBSs também tenham Ensino Médio. Essa é a nossa luta.

Agora, vamos escutar o Sr. Luiz Gustavo, da EMEBS Helen Keller, por meio da intérprete de Libras.

O SR. LUIZ GUSTAVO FIRMINO – Oi, todo mundo.

Meu nome é Gustavo. Este é o meu sinal. Eu sou estudante secundarista noturno,

da Escola Helen Keller e vim aqui falar sobre o quê? Estamos muito preocupados com a educação noturna, porque falta conteúdo.

Sentimos que não conseguimos aprender. Há falta de professores nos itinerários. Falta professor de Biologia. Precisamos nos preocupar mais com a nossa aprendizagem, para que não possamos sair prejudicados no final do terceiro ano. Precisamos revogar essa reforma e lutarmos para que possamos conseguir empoderar os professores, para que tenhamos mais professores na escola. Quero crer e espero que consigamos revogar essa reforma o mais rápido possível.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Próxima oradora Sra. Gisele Santos, do CEU EMEF Mario Fittipaldi. (Pausa) Ausente. Sra. Milene Monteiro Atenes e Aureliano do Nascimento. (Pausa) Ausentes. Sra. Esiene Ribeiro França. (Pausa) Ausente. Sra. Salete Cristina Miranda. (Pausa) Ausente.

Sr. Renato Graça Rodrigues, da Apeoesp e Sinpeem.

O SR. RENATO GRAÇA RODRIGUES – Boa tarde a todos.

Sou professor do Ensino Médio da rede estadual e municipal. Militante da Apeoesp e do Sinpeem na luta para barrar os ataques que estamos sofrendo há anos.

Quando falamos sobre Ensino Médio, essa é a consequência de uma política que já estava desenhada na década de 80. Quando começou a implementação – até a Bebel colocou – das políticas liberais através da Secretaria Rose Neubauer, quando fizemos vários movimentos, várias lutas para combater. Mas o que se discutia naquele período era a responsabilidade do trabalhador que não tinha qualificação. Então, todos iam se qualificar. Iam fazer vários cursos para poder arrumar um emprego e não tinha emprego.

Com o passar do tempo, tivemos 16 anos no Governo, depois tivemos o golpe em 2016 e o projeto de estado as políticas ultraliberais. Ou seja, um projeto de estado de reduzir os direitos dos trabalhadores e reduzir também os espaços públicos da população que necessita desses espaços: da cultura, da educação e de todos os setores. A partir desse momento quando

há o golpe e entra o Michel Temer, no golpista, a primeira coisa que ele faz são as reformas trabalhistas, a Lei da terceirização e a reforma previdenciária.

Em sequência, temos um genocida que aprova BNCC que acaba dando o notório saber que todos que tem um pouco de conhecimento pode dar aula. Nós já tivemos isso – a Bebel colocou – quando nós entramos na década de 90 eram advogados, químicos, engenheiros que davam as aulas. Nós conseguimos barrar e retornou agora, nesse momento.

Então, a partir dessa discussão, o que eu quero colocar para vocês: é a disputa ideológica de qual estado nós queremos. É uma disputa do aparato do conhecimento, ou seja, o aparato ideológico. É do setor dominante, da classe dominante do capital financeiro e é essa discussão que eles estão fazendo. Até pouco tempo, colocava a questão da escola sem partido. Conseguimos barrar em vários setores, porém eles fizeram a escola sem partido por decreto, ou seja, tirando áreas de humanas, que eu sou de história, então, eu trabalho no ensino médio. Não existe, não vou dar nem um exemplo, porque todos os colegas e camaradas que falaram já sabem como está o ensino médio.

Então, nós não temos história, sociologia, geografia e outras disciplinas e nessa disputa o que ocorre hoje? Com as reformas ultraliberais e também as questões de retirada dos direitos, a responsabilidade é formar o quê? É formar ideologicamente essa nova classe trabalhadora que vai colocar que vocês são responsáveis porque vocês não são empreendedores, vocês têm que se tornarem empreendedores para ter emprego, porque não há emprego, porque está mudando o mundo do trabalho e na transformação desse mundo do trabalho as tecnologias vêm ocupando os espaços do trabalho, do ser humano e aí aparece a educação EAD, que nada mais é do que o professor ensinando a distância e você vai reduzir.

Onde eu moro, em Itaquera, há uma universidade que era a UniCastelo, que alguns colegas trabalharam lá, e hoje está fechada, é um prédio lá fechado, por que o dono da Universidade EAD não tem custo com nada, o cara fica a 300 quilômetros, como já foi colocado na Mesa, e ele não tem custo com ninguém. Isso está ocorrendo. Então, essa é a disputa que nós temos que fazer e a disputa não é só do movimento da educação, dos professores, mas é

do conjunto da classe trabalhadora, porque o projeto que está se aprofundando aí é o projeto ultraliberal, então é isso que nós temos que ter consciência: a luta é de todo o conjunto da classe trabalhadora.

Por isso que é necessário organizar e fazer várias audiências, mas pensar no movimento sindical, no movimento social e em todos os movimentos para ter força e nós sabemos, só encerrando, que hoje como já foi colocado, nós conseguimos com uma Frente eleger o Lula e derrotar o Bolsonaro. Nós sabemos que temos dificuldades porque, como já foi colocado, a disputa pelo setor financeiro e educacional que quer privatizar, eles estão pressionando e a gente sabe que dentro dessa Frente tiveram vários acordos e tem acordos que são difíceis, mesmo o Sindicato como Apeoesp, a CNTE, batendo de frente, está difícil para nós conseguirmos colocar essa luta, mas é muito importante.

Gostaria de agradecer a todos que estão na Mesa, Toninho, por ter feito essa audiência pública aqui no município; a Bebel, que fez no Estado, acompanhei na Assembleia, então está todo mundo de parabéns e nós precisamos de uma luta maior contra um projeto de estado neoliberal, não só da reforma do ensino médio.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Obrigado, Renato.

O próximo é Ronaldo Diskin, professor.

O SR. RONALDO DISKIN – Antes de tudo, eu quero agradecer ao Toninho Vespoli, Vereador, a Presidenta do meu Sindicato, Professora Bebel e todas as falas que foram ditas, que foram excelentes.

Quero dizer o seguinte: a escola pública não é inacessível só para os alunos com deficiência, mas também para os professores, porque inclusive na última escola em que fui lotado não tinha nem corrimão nas escadas. Isso era perigoso até para alunos e professores que não tinham nada, imaginem professores que, como eu, tinham deficiência óssea. Aí, fui obrigado a entrar de licença e devo à Apeoesp a luta que eu tive para inclusive fazer a minha cirurgia no IAMSPE, porque tenho uma prótese interna e pelo fato de estar me aposentando agora devido

a essa deficiência.

É o seguinte: tudo o que foi dito até agora redundava em uma questão: isso é um projeto da extrema direita – essa extrema direita que tentou dar o golpe no dia 8 de janeiro, mas cujo ovo da serpente continua entranhado nas estruturas de poder da República. O cerne dessa questão é privatizar o setor público, até mesmo setores essenciais para a população, como a saúde e a educação.

Agora, vocês imaginem: se isso for privatizado, como o filho do pobre, da classe trabalhadora vai estudar? Entenderam? Eles vão ficar alienados. E uma população alienada é mais fácil de ser massa de manobra para uma extrema direita autoritária que quer suprimir cada vez mais os direitos. Isso tudo é muito simples de compreender.

Para mim, foi muito bom ter vindo falar essas coisas, porque o que está acontecendo no país é fundamental e até mesmo revoltante. É revoltante você ter os direitos da população suprimidos, como está acontecendo, inclusive na educação.

Muito obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Obrigado, Ronaldo. Próxima, Sofia.

A SRA. SOFIA LORRAINE – Boa noite.

Cumprimento todos que estão presentes e os que estão *on-line* também. Meu nome é Sofia, sou estudante do novo ensino médio, infelizmente. Estou no terceiro ano do ensino médio, tenho 17 anos e acredito que é necessário, como já foi dito, que os estudantes tenham voz sobre aquilo que os afeta diretamente.

Toda essa discussão é fundamental, principalmente para que nós tenhamos conhecimento do que está acontecendo, porque é um absurdo e afeta diretamente a sociedade em geral, em todos os âmbitos. É necessário que a gente escute, discuta e fale a mesma coisa para sermos ouvidos, porque a gente não tem os meios de comunicação. A gente sabe como é difícil ser esquerda neste país. Como esquerda, não temos os meios de comunicação. Então, devemos falar a mesma coisa e falar alto para que possam nos ouvir, porque, como coletivo,

vamos chegar a algum lugar, pelo menos eu acredito nisso.

Quero dizer que o caminho que eu, como estudante do noturno, estou traçando, é muito mais difícil e árduo do que o de um estudante de escola privada. Eu hoje faço cursinho durante todo o sábado, é difícil até, das 9 às 18 horas, em um cursinho popular. É muito difícil você ter que sacrificar algumas coisas na sua vida, porque o ensino que eu estou tendo ali todos os dias, das 19h até as 22h50min não é um ensino que vai me levar para uma faculdade pública, não é um ensino que me incentiva ao conhecimento, enfim, que estimula o aprofundamento do conhecimento.

Então, é revoltante, mas ao mesmo tempo necessário que jovens como eu – e são milhares de realidades, gente, e muito piores do que a minha, posso dizer – tenham que ter esse protagonista de buscar outros meios, de sacrificar mais ainda a vida social *etc.* para conseguir acessar um ensino superior de qualidade.

Um dia, escutei de um professor da minha escola que o conhecimento não precisa ser prático. Às vezes, a gente escuta esse tipo de coisa, que vem dessa visão de microempreendedor, de que a escola tem que ensinar *etc.*; mas o ensino não necessariamente precisa ser prático.

O conhecimento, por si só, já é muito valioso. O conhecimento, você descobrir coisas, você descobrir a história do seu país, você descobrir a geografia do seu país, apesar de que isso pode não ser usado para alguma coisa, esse conhecimento é necessário. Já conhecimento prático é mão de obra barata, transforma o jovem em cumpridor de tarefas e não incentiva o pensamento crítico e o gosto pelo conhecimento. Nós devemos ter gosto pelo conhecimento, e esse novo ensino médio não incentiva isso e pode traçar o futuro de uma geração como cumpridora de tarefas.

Por isso, como estudante, venho dizer o quanto isso tem afetados muitos jovens, que, com realidades diversas, precisam trabalhar para sustentar a sua família. São jovens de 16, 17 anos que precisam exercer um protagonismo dentro de casa e que são extremamente afetados por esse novo ensino médio.

Muito obrigada. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Obrigado, Sofia.

Tem a palavra o Fabrício Feliciano.

O SR. FABRÍCIO FELICIANO CARDOSO – Boa tarde, pessoal.

Pode não parecer pela barba, mas eu sou um jovem de 18 anos que acabou de sair do ensino médio; inclusive o meu pai, que está aqui, parece mais jovem que eu.

Eu posso dizer que eu peguei um dos ensinos médios mais loucos da história do Brasil. Creio eu que, desde a peste negra, os jovens não foram tão isolados da escola. Se bem que eu acho que, naquela época, escola não era como a de hoje.

Eu passei o meu primeiro e o meu segundo ano da escola no ensino EAD. Isso porque eu fiz parte do grupo que teve sorte, porque o grupo teve azar passou os dois anos do primeiro e do segundo ano do ensino médio enfrentando a fome e trabalhando e, no lugar do *tablet*, teve que lidar com uma enxada. É isto o que aconteceu com os azarados, que fez com que a nossa educação fosse tão degradada na pandemia: não tiveram acesso à tecnologia e ao ensino médio.

No terceiro ano do ensino médio, mesmo durante a pandemia, eu voltei para a escola. Em 2021, eu participei bastante de política sendo Vereador Jovem; inclusive eu fiz uma proposta de lei para implementar os primeiros socorros para alunos, baseado na Lei Lucas. Para quem for implementar o novo ensino médio, fica a dica da minha proposta. Durante esse ano, eu vi na cara dos professores o quão difícil era ensinar em uma situação como aquela e foi aí que eu percebi porquê o Brasil está em 56º no Ranking Pisa e por que nós temos três vezes mais jovens analfabetos do que a média da OCDE. Ficou nítido ao constatar a dificuldade dos professores em ensinar conteúdos básicos aos alunos, e isso aconteceu porque a gente teve que fazer o famoso três em um: três anos de ensino médio em um ano.

Eu estudei no Sesi, onde fui aprovado, e também estudei no Senai. Os dois foram uma das bases para a formulação do novo ensino médio. Nesse ensino metade técnico, eu estudava das 7 às 20h no Sesi e, no Senai, eu fui jovem aprendiz e tenho carteira assinada como

servidor público desde os 14 anos, sendo o mais jovem a ser aprovado. Por isso, desculpe, pessoal, mas eu vou ter que discordar de vocês e eu acho que eu vou ser o único a dizer que o novo ensino médio é uma das saídas.

Ao começar a estudar, eu comecei a receber orientações dos professores sobre processos de como conseguir fazer aplicações para estudar fora do Brasil devido ao meu bom desempenho, e eu passei a ver como esses países mais desenvolvidos da OCDE, como Alemanha, Japão e Coreia, começaram a implantar um novo ensino médio, substituindo uma educação horrível que fora oferecida durante boa parte do Século XX. Assim como a gente está fazendo agora, eles começaram a implantar um novo ensino médio, aos trancos e barrancos, com os professores enfrentando dificuldades horríveis.

Eu assumo, no entanto, que o novo ensino médio não deveria estar sendo implantado assim, com os professores sofrendo dessa forma e com os alunos passando por esse choque. Porém, em uma hora ou outra, isso deve ser implementado.

Em 1994, o então Presidente Itamar Franco já falava sobre o novo ensino médio. Também falaram sobre isso o Presidente Fernando Henrique e, quando foi eleito, em 2002, o Presidente Lula.

Então, para concluir, a minha visão é oposta, mas eu adorei ouvir o que todos esses jovens disseram e eu espero que aconteçam mais audiências como esta para que eu e todos tenham a oportunidade de se expressar.

Obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Obrigado, Fabrício.

Tem a palavra o Wendell Augusto.

O SR. WENDELL AUGUSTO – Oi, gente, boa noite.

Prazer, meu nome é Wendell. Sou diretor da União Paulista dos Estudantes Secundaristas e vice da UBES pelo Estado de São Paulo.

Eu quero começar dizendo que nós estudantes já estamos cansados de virmos falar as mesmas coisas, de virmos pontuar o mesmo erro. Nós queremos algo básico que precisa ser

atendido, que é a revogação imediata do novo ensino médio. Nós já estamos cansados de ir para a rua segurando a mão da professora Bebel para gritar “revoga já”. Os estudantes estão falando, e nós precisamos ser atendidos.

O que a gente quer é o fim desse plano de ensino, que não agrada e não representa os estudantes do nosso país. A gente não quer um ensino que seja para não formar o nosso pensamento crítico, que seja para reproduzir a mão de obra barata necessária para a reprodução do sistema capitalista em que a gente vive hoje. A gente tem que elaborar um projeto feito pelas mãos dos estudantes. A gente quer um projeto que garanta uma educação de qualidade no nosso país.

Por isso, a UPES lança a campanha “Nada sobre nós sem nós”, que serve para aderir os estudantes a este debate, porque somos nós que sofremos todos os dias nas escolas com esses problemas que vivenciamos hoje. Não é comum a gente ir para a escola e ficar se perguntando que tipo de ensino é esse que aprofunda as desigualdades educacionais, que tira as matérias fundamentais da nossa formação, que não garanta o acesso ao ensino superior, que é o que todos os estudantes do ensino médio querem garantir.

A gente precisa pensar nisso, porque a gente não quer um ensino neoliberal, criado no centro das políticas públicas de austeridade fiscal incentivadas pelo golpe na Presidenta Dilma, em 2016. O que nós precisamos é que os estudantes vão para a escola e sintam o ambiente escolar como algo agradável. Nós queremos que estudantes vão para a escola não por obrigação, mas sim porque eles gostam do ambiente escolar, porque eles gostam de estar nesse espaço de debater e de criar opinião. E os Grêmios têm um papel fundamental nisso.

Por isso, a gente precisa criar Grêmios combativos para a gente poder debater dentro da nossa escola. A gente não quer um Grêmio que seja um puxadinho da direção para manipular os nossos alunos. Não. O que a gente quer é um Grêmio combativo, que atenda às demandas dos estudantes.

A gente, então, quer mais é participar desses debates, quer participar das audiências, quer ser ouvido, porque somos nós que sofremos todos os dias com a falta de merenda dentro

das escolas, somos nós sofremos todos os dias com a falta de estrutura, com escolas em que chove mais dentro do que fora, somos nós que sofremos com o medo de ir para a escola e não voltar mais para casa depois de um ataque que a gente pode vir a sofrer porque falta psicólogo e falta assistente social. Principalmente, nós queremos que os estudantes estejam dentro das salas de aula. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Tem a palavra a Monici Gomes.

A SRA. MONICI GOMES – Boa noite.

Eu me chamo Monici e sou professora da rede municipal, estou na assessoria da Vereadora Elaine do Quilombo Periférico e também faço parte do EduQuilombo, um grupo que se dispõe a discutir a educação antirracista na cidade de São Paulo.

Gostaria de agradecer ao Vereador Toninho Vespoli por esta audiência e, em seu nome, cumprimentar os membros da Mesa, todos os demais presentes e dizer que a minha contribuição a este debate é sobre a questão racial e o impacto dessa reforma do novo ensino médio para as nossas meninas e meninos pretos não só da cidade de São Paulo, mas do Brasil.

Dados do PNAD indicam que 71% dos estudantes que evadem da escola são meninas e meninos pretos. Isso é importante informar, porque esta Mesa já explicou que não se trata de um processo de evasão, mas sim de expulsão das escolas. Essas crianças pretas são expulsas das escolas por uma sociedade que normaliza encontrá-las em faróis, que normaliza encontrá-las abandonadas nas praças da cidade, que normaliza que 75% dos mortos por bala no Brasil sejam de homens negros e que 62% das vítimas de feminicídio sejam de mulheres negras.

E nós precisamos falar sobre isso, porque, quando se faz uma reforma do ensino médio que não olha para aquelas e aqueles que estão dentro das escolas, que não discute onde estão as nossas meninas e os nossos meninos pretos, nós os estamos jogando novamente para subempregos, para a morte, porque ou eles morrem na mão da fome ou eles morrem na mão da polícia pelo genocídio negro no Brasil.

Então, queria trazer essa contribuição e falar também que a gente precisa, sim, de uma reforma do ensino médio. A escola que eu estudei e a escola que muitos estudaram não cabe para essa juventude que é outra, mas essa reforma precisa ser discutida com quem constrói a escola pública no chão da escola, que são com essas meninas e esses meninos, que são com os professores e os gestores que estão ali construindo, diariamente, falando e sabendo como que os processos se dão lá dentro.

Essa é a minha contribuição. Obrigada. (Palmas).

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Obrigado, Monici.

O pessoal do Quilombo está nas quebradas e tem feito um trabalho muito importante, agora, sobre a questão das enchentes que tiveram na cidade de São Paulo. É um estudo bastante aprofundado e está fazendo a discussão nas periferias. Então, temos que parabenizar o trabalho do Quilombo Periférico.

Próximo e último Ryan Alexandro, UMES.

O SR. RYAN ALEXANDRO – Boa noite a todos.

Acho que foi muito pautada e bem pautada as questões que se apresentaram sobre o novo Ensino Médio, mas é preciso ressaltar qual a importância dos professores e estudantes do nosso estado, do nosso município estarem indo à rua diariamente. É preciso a gente continuar essa luta diariamente, porque é uma luta que não está acabando e não vai acabar tão cedo se não continuarmos no pé.

Ontem, na posse do Conselho Estadual da Juventude, o nosso Governador resolveu falar sobre o que ele pretende para os jovens. Foi falado pelo professor sobre o Jovem Aprendiz, que é um programa que realmente ajuda muitas pessoas, mas o quanto que ele está investindo nesse programa da juventude. E aí os jovens, nós, estudantes secundaristas, no meio da fala dele levantamos e pedimos: “não ao corte de nove milhões de educação”. A gente não pode deixá-lo falar. A gente não pode deixar isso acontecer. Porque não há como a gente falar no futuro do jovem tirando 300 salas de aula do nosso estado. Não há como falar no futuro de jovens tirando 15% da educação do nosso estado.

Precisamos, sim, continuar essa luta. Discordo do meu irmão porque, infelizmente, esse nome “ensino médio” não está dando certo. Convido você, irmão, ir lá a uma escola da zona Sul, mas falo do extremo do nosso estado, para ver se realmente está dando certo.

O jovem da periferia tem que trabalhar. Ele tem que ter uma aula digna. E aí no lugar de uma aula digna, ele está tendo uma aula que os professores não sabem o que dar e não porque ele não tem capacidade, mas porque o governo não dá o material, não dá um recurso, não dá um caminho para esse professor estudar.

Então, é preciso que a gente pare o novo ensino médio imediatamente e que a gente construa com os estudantes, com os professores, a melhoria para o nosso estado, a melhoria para o nosso país.

Essa é a minha fala de hoje. (Palmas).

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Agora, para encerrar, vai ter uma única fala que da Mesa, representando toda a Mesa, que é da Deputada Estadual Bebel.

A SRA. PROFESSORA BEBEL – Eu, em nome de todas – dirijo-me a Márcia, a Luiza, o Romildo – agradeço a Valentina e, sobretudo, o Vereador Professor Toninho Vespoli.

Acredito que a pluralidade de ideias é o que enriquece o debate. Então, temos respeito com isso. Podemos discordar, mas é na pluralidade de ideias também que se constrói novos conhecimentos.

Então, muitos vão refletir e saberão disso. Realmente sonho, Ryan, e eu acho que vocês fizeram o que tinha que fazer, tanto que está pautado na próxima reunião minha da Comissão de Educação e Cultura exatamente esse corte de verbas da educação que o Sr. Tarcísio quer fazer em São Paulo. Se cortar verba da educação básica, vai faltar para as universidades, vai faltar inclusive mais condições de ter uma escola de qualidade que já não tem qualidade.

Então, terça-feira, estamos pautando e vamos apresentar números porque quando essa PEC chegar lá, Toninho, ela já chega com a clareza do porquê a gente é contra. Acho que isso é muito importante.

Mas voltando ao tema do ensino médio, quero dizer que acredito e acho que todas as falas vão nessa direção: tem que ser revogado. Se não é revogado, trocado, sei lá o quê. Este velho novo ensino médio, porque ele é velho, ele não é novo. Ele continua acentuando uma dualidade que vem lá da década de 60, muito antes até, quando só os filhos da elite foram à universidade. Não é isso que nós queremos para a juventude.

Ontem, eu falava na Comissão de Ciência e Tecnologia e estava lá o Sr. Vahan Agopyan. Ele é o Secretário, hoje, da Ciência e Tecnologia. Eu toquei na reforma do ensino médio e falei: “como é que a ciência e a tecnologia estão tratando esse assunto?”. Ele disse: “olha, é um assunto que, de fato, está difícil de concordar”, porque ele tem aquela ideia de número de disciplinas. Não é essa questão. A questão histórica que eu disse não é pelo número. Conhecimento não tem enquadramento. Todo mundo sabe. Estamos nesta sala, mas se a gente quiser sistematizar, você tem conceito de geografia, geometria, você tem tudo nesta sala. O problema é que a escola está inadequada. Ela está ainda lá em Dom João VI e não atualizou para os estudantes. Essa é uma questão.

A questão dois é como trabalhar esse velho novo ensino, essa farsa. Formaram-se os professores todos por crédito educativo, por disciplinas. Aí, vira a chave e todo mundo fica igual? Não fica. É farsa.

Então, temos de seguir de mãos dadas, juntos e sempre. É fazer o que você fez, Ryan. Não há problema. O Governador tem que ouvir também. E, não há essa: “você é jovem e não pode falar”. Tem que falar mesmo. Até eu, na minha maturidade, às vezes, me levanto e falo porque a gente não engole determinado discurso que não vai de acordo com a prática do que a gente vive.

Então, mais vezes têm que gritar e gritar bem alto: revoga sim. Se não é o revoga, mas troca essa droga. Dá outro curso para isso. Dê a chance de mostrar que estamos certos, porque uns podem se salvar e têm mais oportunidade; outros, não. O que queremos é que todos tenham oportunidade, uma escola para todos com qualidade social e aí a integração do trabalho como princípio educativo. Aprofundamos tanto isso com a ciência e tecnologia, a cultura. É isso

que queremos. Isso vai dar vida para a escola. Isso está dando vida. Esta farsa está dando vida? Não, ela está matando cada dia que passa, porque os alunos saem, são excluídos mesmo e acabam indo cuidar da vida.

Então, com essas palavras, Toninho, quero superparabenizar você, parabenizar todos e todas que fizeram falas importantíssimas, mesmo de quem divirjo, claro, tem a sua importância até para a gente ver também o lado de quem pensa diferente.

Quero dizer que mais audiências públicas, como esta, têm que acontecer para a gente conseguir o intento, porque a maioria quer essa mudança e não é no estado de São Paulo, é em todo o Brasil. Todos estão reclamando. O Presidente Lula não nos chamaria lá se a coisa não estivesse tão difícil.

É isso. Um forte abraço. Muito obrigada. (Palmas).

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Obrigado a todos. Obrigado a todos da Mesa, a todos que estão assistindo até agora, quem está em casa assistindo também, quem vai assistir depois.

Declaro realizada a audiência pública.

Estão encerrados os nossos trabalhos. Boa noite.